



# A Santa Sé

---

## VISITA DO PAPA FRANCISCO A CASERTA

### ENCONTRO COM OS SACERDOTES DIOCESANOS

#### *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Capela Palatina do Palácio Real de Caserta*

*Sábado, 26 de Julho de 2014*

*(D. Giovanni D'Alise, Bispo de Caserta)*

Santidade, não preparei nada por escrito porque compreendi imediatamente que Vossa Santidade deseja uma relação íntima e profunda com os sacerdotes. Portanto, digo-lhe: bem-vindo. Esta é a nossa Igreja, os sacerdotes, e depois iremos ver o resto da Igreja, ao celebrar a Eucaristia. Para mim este momento é importante, porque estou aqui desde há dois meses, e começar este episcopado com a sua presença e bênção é para mim uma graça na graça. E agora aguardamos a sua palavra. Sabendo que Vossa Santidade deseja um diálogo, os sacerdotes prepararam também perguntas.

*(Santo Padre)*

Preparei um discurso mas entregá-lo-ei ao Bispo. Muito obrigado pelo acolhimento. Obrigado. Estou contente e sinto-me um pouco culpado por ter causado tantos problemas no dia da festa patronal. Mas eu não sabia. E quando telefonei ao Bispo para lhe dizer que queria vir fazer uma visita privada, aqui, a um amigo, o pastor Traettino, ele disse-me: «Ah, precisamente no dia da festa patronal!». Pensei imediatamente: «No dia seguinte os jornais escreverão: na festa patronal de Caserta o Papa foi visitar os protestantes». Lindo título, não? E assim resolvemos a questão, um pouco à pressa, mas, ajudou-me muito o Bispo e também as pessoas da Secretaria de Estado. Disse ao substituto, quando falei com ele: «Mas, por favor, tira-me a corda do pescoço». E ele fê-lo bem. Obrigado pelas perguntas que fareis, podemos começar; fazem-se as perguntas

e eu verei se posso unir duas ou três, se não respondo a cada uma.

*Pergunta:*

*Santidade, obrigado. Sou o vigário-geral de Caserta, Pe. Pasquariello. Um imenso obrigado pela sua visita aqui a Caserta. Gostaria de fazer uma pergunta: o bem que Vossa Santidade está a trazer à Igreja católica com as suas homilias quotidianas, os documentos oficiais, especialmente a Evangelii Gaudium, focalizam sobretudo a conversão espiritual, íntima, pessoal. É uma reforma importante, segundo o meu modesto parecer, só para a esfera da teologia, da exegese bíblica e da filosofia. Em simultâneo com esta conversão pessoal, que é essencial para a salvação eterna, considero útil algumas intervenções, por parte de Vossa Santidade, que possam incluir mais o povo de Deus, precisamente como povo. E explico-me. A nossa Diocese, desde há 900 anos, tem confins absurdos: alguns territórios municipais estão divididos entre a Diocese de Cápua e a de Acerra. Imagine que a estação da cidade de Caserta, distante menos de um quilómetro do município, pertence a Cápua. Por este motivo, Beatíssimo Padre, peço-lhe uma intervenção resolutiva para que as nossas comunidades não tenham que sofrer mais por causa de deslocamentos inúteis e não seja mortificada ulteriormente a unidade pastoral dos nossos fiéis. É claro, Santidade, que o n. 10 da Evangelii Gaudium diz que estas coisas pertencem ao episcopado; contudo, recordo que quando era jovem sacerdote — há 47 anos — fomos com D. Roberti — ele tinha saído da Secretaria de Estado — e levamos um pouco de problemas também lá; depois de terem explicado as coisas, disseram: «Ponde-vos de acordo com os bispos e nós assinaremos». E isto é muito bonito. Mas quando é que os Bispos se põem de acordo?*

*Santo Padre:*

Alguns historiadores da Igreja disseram que nalguns dos primeiros Concílios os Bispos chegavam a vias de facto, mas depois punham-se de acordo. E isto é um mau sinal. É mau quando os Bispos falam mal uns dos outros, ou formam grupos. Não digo ter unidade de pensamento ou unidade de espiritualidade, porque isto é bom, digo grupos no sentido negativo da palavra. Isto é mau porque se interrompe precisamente a unidade da Igreja. Isto não é Deus. E nós Bispos devemos dar o exemplo da unidade que Jesus pediu ao Pai para a Igreja. Mas não podemos falar mal uns dos outros: «E ele fez isto e aquilo». Mas vai e diz-lho directamente! Os nossos antepassados nos primeiros Concílios chegavam a vias de facto, e eu prefiro que se gritem quatro coisas fortes e depois se abracem e não que falem pelas costas um contra o outro. Isto, como princípio geral, ou seja: na unidade da Igreja é importante a unidade entre os Bispos. Depois o senhor frisou um caminho que o Senhor quis para a sua Igreja. E esta unidade entre os Bispos é a que favorece o pôr-se de acordo sobre isto e sobre aquilo. Num país — não na Itália, noutra parte — há uma diocese cujos limites foram restabelecidos, mas estão em conflito nos tribunais há mais de 40 anos por causa do lugar onde se encontra o tesouro da catedral. Por dinheiro: isto não se compreende! É aqui que o diabo festeja! É ele quem ganha. Depois, é bom dizer que os Bispos devem estar sempre de acordo: mas de acordo na unidade, não na uniformidade. Cada

um tem o seu carisma, cada qual tem o seu modo de pensar, de ver as coisas: esta variedade por vezes é fruto do mesmo Espírito. O Espírito Santo quis que na Igreja houvesse esta variedade de carismas. O mesmo Espírito que faz a diversidade, conseguiu depois fazer a unidade: uma unidade na diversidade de cada um, sem que ninguém perca a própria personalidade. Mas espero que o que o senhor disse tenha continuidade! E depois, todos somos bons, porque temos todos a água do Baptismo, temos o Espírito Santo dentro que nos ajuda a ir em frente.

*Pergunta:*

*Sou o padre Angelo Piscopo, pároco de San Pietro Apostolo e de San Pietro in Cattedra. A minha pergunta é a seguinte: Santidade, na Exortação apostólica Evangelii Gaudium Vossa Santidade convidou a encorajar e a fortalecer a piedade popular, como tesouro precioso da Igreja católica. Mas ao mesmo tempo mostrou o risco — infelizmente cada vez mais real — da propagação de um cristianismo individual e sentimental, mais atento às formas tradicionais e à revelação, privado dos aspectos fundamentais da fé e sem incidência na vida social. Que sugestão nos pode dar para uma pastoral que, sem sacrificar a piedade popular, possa relançar a primazia do Evangelho? Obrigado, Santidade.*

*Santo Padre:*

Ouve-se dizer que este é um tempo no qual a religiosidade diminuiu, mas não acredito muito. Porque há estas correntes, estas escolas de religiosidade intimistas, como os gnósticos, que fazem uma pastoral semelhante a uma oração pré-cristã, uma oração pré-bíblica, uma oração gnóstica, e o gnosticismo entrou na Igreja com estes grupos de piedade intimista: chamo a isto intimismo. O intimismo não faz bem, para mim é uma coisa, estou tranquilo, sinto-me cheio de Deus. Está um pouco — mas não é o mesmo — no caminho da *New Age*. Há religiosidade, sim, mas uma religiosidade pagã, ou até herética; não devemos ter medo de pronunciar esta palavra, porque o gnosticismo é uma heresia, foi a primeira heresia da Igreja. Quando falo da religiosidade, falo daquele tesouro de piedade, com tantos valores, que o grande Paulo VI descrevia na Evangelii Nuntiandi. Pensai nisto: o *Documento de Aparecida*, que foi o documento da V Conferência do Episcopado latino-americano, para fazer uma síntese no fim desse documento, no penúltimo parágrafo, porque os outros dois eram de agradecimento e oração, teve que retroceder de 40 anos e citar a Evangelii Nuntiandi, que é o documento pastoral pós-conciliar ainda não superado. É de grande utilidade. Naquele documento Paulo VI descreve a piedade popular, afirmando que algumas vezes ela tem que ser também evangelizada. Sim, porque como em qualquer piedade há o risco de pender um pouco para uma parte ou para outra ou não ter uma expressão de fé forte. Mas a piedade que o povo tem, a piedade que entra no coração com o Baptismo é uma força enorme, a ponto que o povo de Deus que tem esta piedade, no seu conjunto, não pode errar, é infalível *in credendo*: assim diz a Lumen Gentium no n. 12. A piedade popular verdadeira nasce daquele *sensus fidei* do qual fala este documento conciliar e guia na devoção dos Santos, de Nossa Senhora, até com expressões folclóricas, no sentido bom da

palavra. Por isto a piedade popular é fundamentalmente inculturada, não pode ser uma piedade popular de laboratório, estéril, mas nasce sempre da nossa vida. Podem fazer-se pequenos erros — por conseguinte, é necessário vigiar — contudo a religiosidade popular é um instrumento de evangelização. Pensemos nos jovens de hoje. Os jovens — pelo menos a experiência que eu tive na outra Diocese — os jovens, os movimentos juvenis de Buenos Aires não funcionavam. Porquê? Era-lhes proposto: façamos uma reunião para falar... e no fim os jovens entediavam-se. Mas quando os párocos encontraram o caminho para incluir os jovens nas pequenas missões, fazer a missão durante as férias, a catequese aos povos que precisam dela, nas aldeias que não têm sacerdotes, então eles aderiam. Os jovens querem deveras este protagonismo missionário e assim aprendem a viver uma forma de piedade que se pode chamar também popular: o apostolado missionário dos jovens tem algumas características da piedade popular. A piedade popular é activa, é um sentido de fé — diz Paulo VI — profundo, que só os simples e os últimos são capazes de ter. E isto é grandioso! Vêem-se por exemplo milagres nos Santuários! A 27 de Julho eu ia todos os anos ao Santuário de São Pantaleão, em Buenos Aires, e confessava de manhã. Eu voltava renovado daquela experiência, voltava envergonhado pela santidade que encontrava naquela gente simples, pecadora mas santa, porque confessava os próprios pecados e depois contava como vivia, qual era o problema do filho ou da filha ou outros ainda, e como ia visitar os doentes. Transparecia um sentido evangélico. Nos Santuários encontram-se estas coisas. Os confessionários dos Santuários são um lugar de actualização espiritual, devido ao contacto com a piedade popular. E os fiéis quando vêm confessar-se contam as suas misérias, mas por detrás daquelas misérias vê-se a graça de Deus que os guia nesse momento. Este contacto com o povo de Deus que reza, que é peregrino, que manifesta a sua fé nesta forma de piedade, ajuda-nos muito na nossa vida sacerdotal.

*Pergunta:*

*Permita-me que o trate por Padre Francisco, também porque a paternidade implica inevitavelmente uma santidade, quando é autêntica. Como aluno dos Padres Jesuítas aos quais devo a minha formação, cultural e sacerdotal, digo primeiro a minha impressão, e depois uma pergunta que lhe faço de modo particular. O retrato do sacerdote do terceiro milénio: equilíbrio humano e espiritual; consciência missionária; abertura dialógica com as outras crenças, religiosas e não. Porquê? Certamente o Padre Francisco realizou uma revolução copernicana pela linguagem, estilo de vida, comportamento e testemunho sobre as temáticas mais importantes a nível mundial, também dos ateus e dos distantes da Igreja cristã-católica. A pergunta que lhe faço: como é possível nesta sociedade, com uma Igreja que deseja o crescimento e o desenvolvimento, nesta sociedade em evolução dinâmica e conflitual e muitas vezes distante dos valores do Evangelho de Cristo, nós somos uma Igreja que muitas vezes está atrasada. A sua revolução linguística, semântica, cultural, de testemunho evangélico está certamente a suscitar nas nossas consciências de sacerdotes uma crise existencial. Que vias nos sugere, fantasiosas e criativas, para superar ou pelo menos para diminuir esta crise que sentimos? Obrigado.*

*Santo Padre:*

Eis. Como é possível, com a Igreja em crescimento e desenvolvimento, ir em frente? O senhor dizia algumas coisas: equilíbrio, abertura dialógica... Mas, como é possível ir em frente? O senhor disse uma palavra que me agrada muito: é uma palavra divina, se é humana é porque é um dom de Deus: *criatividade*. Foi o mandamento que Deus deu a Adão: «Vai e faz crescer a Terra. Sê *criativo*». Foi também o mandamento que Jesus deu aos seus, mediante o Espírito Santo, por exemplo a criatividade da primeira Igreja nas relações com o judaísmo: Paulo era criativo; Pedro, naquele dia em que foi ter com Cornélio, estava muito receoso, porque fazia algo novo, uma coisa criativa. Mas foi lá. Criatividade é a palavra. E como se pode encontrar esta criatividade? Antes de tudo — e esta é a condição, se quisermos ser criativos *no* Espírito, ou seja, no Espírito do Senhor Jesus — não há outro caminho, a não ser a oração. Um Bispo que não reza, um sacerdote que não reza fechou a porta, fechou o caminho da criatividade. É precisamente na oração que o Espírito te faz sentir uma coisa, vem o diabo e faz-te sentir outra; mas a oração é a condição para ir em frente. Mesmo se a oração muitas vezes pode parecer tediosa. A oração é muito importante. Não só a oração do Ofício divino, mas a liturgia da Missa, tranquila, bem feita com devoção, a oração pessoal com o Senhor. Se não rezarmos, talvez sejamos sempre bons empresários pastorais e espirituais, mas a Igreja sem oração torna-se uma ONG, não tem aquela *unctio Spiritu Sancti*. A oração é o primeiro passo, porque é abrir-se ao Senhor para se poder abrir aos outros. É o Senhor que diz: «Vai aqui, vai ali, faz isto...», suscita-te aquela criatividade que tantos Santos pagaram cara. Pensai no Beato Antonio Rosmini, que escreveu *As cinco chagas da Igreja*; foi precisamente um crítico criativo, porque rezava. Escreveu o que o Espírito lhe fez sentir, e por isso entrou na prisão espiritual, ou seja, na sua casa: não podia falar, não podia ensinar, não podia escrever, os seus livros eram proibidos. Hoje é Beato! Muitas vezes a criatividade leva-te à cruz. Mas quando provém da oração, dá fruto. Não a criatividade um pouco *sans façon* e revolucionária, porque hoje está na moda ser revolucionário; não, esta não é do Espírito. Mas quando a criatividade vem do Espírito e nasce na oração, pode causar-te problemas. A criatividade que vem da oração tem uma dimensão antropológica de transcendência, porque mediante a oração abres-te à transcendência, a Deus. Mas há também a outra transcendência: abrir-se aos outros, ao próximo. Não se deve ser uma Igreja fechada em si mesma, que contempla o próprio umbigo, uma Igreja auto-referencial, que olha para si mesma e não é capaz de transcender. É importante a transcendência dupla: rumo a Deus e rumo ao próximo. Sair de si não é uma aventura, é um caminho que Deus indicou aos homens, ao povo desde o primeiro momento quando disse a Abraão: «Sai da tua terra». Sair de si. E quando eu saio de mim, encontro Deus e os outros. Como encontro os outros? De longe ou de perto? É necessário encontrá-los de perto, a proximidade. Criatividade, transcendência e proximidade. Proximidade é uma palavra-chave: estar próximo. Nada recear. Estar próximo. O homem de Deus não se assusta. O próprio Paulo, quando viu tantos ídolos em Atenas, não se apavorou, disse àquelas pessoas: «Vós sois religiosos, tendes tantos ídolos... mas, eu falar-vos-ei de outras coisas». Não se assustou e aproximou-se deles, citou até os seus poetas: «Como dizem os vossos poetas...». Trata-se de proximidade a uma cultura, proximidade às pessoas, ao seu modo

de pensar, aos seus sofrimentos, aos seus ressentimentos. Muitas vezes a questão da proximidade é quase uma penitência, porque devemos ouvir coisas tediosas, ofensivas. Há dois anos, um sacerdote que foi para a Argentina como missionário — era da diocese de Buenos Aires e foi para uma diocese do Sul, numa zona onde fazia anos que não havia um sacerdote, e tinham chegado os evangélicos — contou-me que encontrou uma mulher que tinha sido a professora do povoado e depois a directora da escola do lugar. Esta senhora fê-lo acomodar e começou a insultá-lo, não com palavras, mas com ímpeto: «Vós abandonastes-nos, deixastes-nos sozinhos, e eu que preciso da Palavra de Deus tive que ir ao culto protestante e tornei-me protestante». Este sacerdote jovem, que é uma pessoa tranquila que reza, quando a mulher terminou o queixume, disse: «Senhora, só uma palavra: perdão. Perdoa-nos, perdoa-nos. Abandonamos o rebanho». E o tom daquela mulher mudou. Contudo, permaneceu protestante e o sacerdote não entrou no tema de qual era a verdadeira religião: naquele momento ele não o podia fazer. No fim, a senhora começou a sorrir e disse: «Padre, deseja um café?» — «Sim, tomemos um café». E quando o sacerdote estava para sair, disse: «Espere, padre, venha», e conduziu-o até ao quarto, abriu o armário e ali estava a imagem de Nossa Senhora: «deve saber que nunca a abandonei. Está escondida por causa do pastor, mas tenho-a em casa!». Trata-se de uma história que ensina como a proximidade e a mansidão fizeram com que esta mulher se reconciliasse com a Igreja, porque se sentia abandonada pela Igreja. E eu fiz uma pergunta que nunca se deve fazer: «E depois, que aconteceu? Que rumo tomou a questão?». Mas o sacerdote corrigiu-me: «Ah, não, eu não perguntei nada: ela continua a ir ao culto protestante, mas vê-se que é uma mulher que reza: que decida o Senhor Jesus». E não disse mais nada, não a convidou a voltar para a Igreja católica. Trata-se daquele proximidade prudente, que sabe até onde se pode chegar. Mas, proximidade significa também diálogo; é preciso ler na *Ecclesiam Suam*, a doutrina sobre o diálogo, depois repetida pelos outros Papas. O diálogo é muito importante, mas para dialogar são necessárias duas coisas: a própria identidade como ponto de partida e a empatia com os outros. Se eu não tenho a certeza da minha identidade e vou dialogar, acabo por trocar a minha fé. Não se pode dialogar a não ser partindo da própria identidade, e com empatia, ou seja, sem condenar a priori. Cada homem, cada mulher tem algo próprio para nos doar; cada homem, cada mulher, tem a sua história, a sua situação e devemos ouvi-la. Depois a prudência do Espírito Santo dir-nos-á como responder. Partir da própria identidade para dialogar, mas o diálogo, não é fazer apologética, mesmo se algumas vezes se deve fazer, quando nos são feitas perguntas que exigem uma explicação. O diálogo é humano, são os corações, as almas que dialogam, e isto é muito importante! Não ter medo de dialogar com ninguém. Dizia-se de um santo, um pouco a brincar — não recordo, penso que era São Filipe Néri, mas não tenho a certeza — que era capaz de dialogar até com o diabo. Porquê? Porque tinha aquela liberdade de ouvir todas as pessoas, mas partindo da própria identidade. Era tão seguro, mas estar seguro da própria identidade não significa fazer proselitismo. O proselitismo é uma armadilha, que até Jesus condena um pouco, *en passant*, quando fala aos fariseus e saduceus: «Vós que dais a volta ao mundo para encontrar um prosélito e depois vos recordais disto...». Mas, é uma cilada. E o Papa Bento tem uma expressão muito bonita, disse-a em Aparecida mas penso que a tenha repetido noutra parte: «A Igreja cresce não por proselitismo, mas por atracção». E o que é a atracção? É esta empatia

humana que depois é julgada pelo Espírito Santo. Portanto, como será o perfil do sacerdote destes tempos tão secularizado? Um homem de criatividade, que segue o mandamento de Deus — «criar as coisas» —; um homem de transcendência, quer com Deus na oração, quer com os outros, sempre; um homem de proximidade que se aproxima do povo. Afastar as pessoas não é sacerdotal e desta atitude o povo por vezes está cansado, e não obstante vem à nossa procura. Mas quem acolhe o povo e está próximo dele, dialoga com ele faz isso porque se sente seguro da própria identidade, que o estimula a ter o coração aberto à empatia. É o que sinto que lhe devo responder, à sua pergunta.

*Pergunta:*

*Caríssimo Padre, a minha pergunta refere-se ao lugar onde vivemos: a Diocese, com os nossos Bispos, as relações com os nossos irmãos. E pergunto-lhe. Este momento histórico que estamos a viver tem expectativas em relação a nós presbíteros, isto é, a um testemunho claro, aberto, jubiloso — para o qual Vossa Santidade nos tem convidado — precisamente da novidade do Espírito Santo. Pergunto-lhe: qual poderia ser, segundo Vossa Santidade, precisamente no específico, o fundamento de uma espiritualidade do sacerdote diocesano? Parece-me que li nalguma parte que Vossa Santidade disse: «O sacerdote não é um contemplativo». Mas antes, não era assim. Eis então, pode dar-nos um ícone a ter presente para o renascimento, para o crescimento da nossa Diocese em comunhão. E sobretudo, interessa-me saber como podemos ser fiéis, hoje, não tanto a Deus quanto ao homem.*

*Santo Padre:*

Pois bem, o senhor disse «as novidades do Espírito Santo». É verdade. Mas Deus é o Deus das surpresas, surpreende-nos sempre, sempre, sempre. Lemos o Evangelho e encontramos uma surpresa atrás de outra. Jesus surpreende-nos porque chega antes de nós: Ele espera-nos primeiro, quando nós o procuramos Ele já anda à nossa procura. Como diz o profeta Isaías ou Jeremias, não recordo bem: Deus é como a flor da amendoeira, é a primeira que desabrocha na Primavera. É o primeiro, sempre o primeiro, espera-nos sempre. E esta é a surpresa. Muitas vezes nós procuramos Deus aqui e além e Ele não nos espera lá. E depois falemos da espiritualidade do clero diocesano. Sacerdote contemplativo, mas não como quem está na Cartuxa, não é desta contemplatividade que falo. O sacerdote deve ter uma contemplatividade, uma capacidade de contemplação quer a Deus quer aos homens. É um homem que olha, que enche os seus olhos e o seu coração com esta contemplação: com o Evangelho diante de Deus, e com os problemas humanos diante dos homens. Neste sentido deve ser um contemplativo. Não se deve confundir: o monge é outra coisa. Mas onde está o centro da espiritualidade do sacerdote diocesano? Diria que está na diocesanidade. É ter a capacidade de se abrir à diocesanidade. A espiritualidade de um religioso, por exemplo, é a capacidade de se abrir a Deus e aos outros na comunidade: tanto a mais pequena, como a maior da congregação. E vós religiosos que trabalhais na paróquia, deveis fazer as duas coisas, por isso o dicastério para os Bispos e o

dicastério para a vida consagrada estão a trabalhar numa nova versão da *Mutuae relationes*, porque o religioso tem as duas pertenças. Mas voltemos à diocesanidade: que significa? Significa ter um relacionamento com o Bispo e outro com os demais sacerdotes. A relação com o Bispo é importante, é necessária. Um sacerdote diocesano não pode estar separado do Bispo. «Mas, o Bispo não gosta de mim, o Bispo isto e o Bispo aquilo...»: talvez o bispo possa ser um homem de mau carácter: mas é o teu Bispo. E tu deves encontrar, também naquela atitude não positiva, um caminho para manter a relação com ele. Contudo esta é uma excepção. Eu sou sacerdote diocesano porque tenho um relacionamento com o Bispo, um relacionamento necessário. É muito significativo quando no rito da ordenação se faz o voto de obediência ao Bispo. «Eu prometo obediência a ti e aos teus sucessores». Diocesanidade significa uma relação com o Bispo que se deve concretizar e fazer crescer continuamente. Na maioria dos casos não é um problema catastrófico, mas uma realidade normal. Em segundo lugar a diocesanidade implica uma relação com os outros sacerdotes, com todo o presbitério. Não há espiritualidade do sacerdote diocesano sem estes dois relacionamentos: com o Bispo e com o presbitério. E são necessários. «Sim, com o Bispo dou-me bem, mas não vou às reuniões do clero porque se dizem coisas estúpidas». Mas com esta atitude falta-te alguma coisa: não possuis aquela verdadeira espiritualidade do sacerdote diocesano. Tudo consiste nisto: é simples, mas ao mesmo tempo não é fácil. Não é fácil pôr-se de acordo com o Bispo, nem sempre é fácil, porque as ideias de um e de outro são diferentes, mas pode-se discutir... e discuta-se! E isso pode acontecer falando forte! Seja feito! Quantas vezes um filho discute com o seu pai e no fim permanecem sempre pai e filho. Contudo, quando nestas duas relações, quer com o Bispo quer com o presbitério, há diplomacia, não há o Espírito do Senhor, porque falta o espírito de liberdade. É preciso ter a coragem de dizer «Eu não penso assim, penso diversamente», e também a humildade de aceitar uma correcção. É muito importante. E qual é o maior inimigo destas duas relações? Os mexericos. Muitas vezes penso — porque também eu tenho esta tentação de falar, temo-la dentro, o diabo sabe que aquela semente lhe dá frutos e semeia bem — eu penso que talvez seja consequência de uma vida celibatária vivida como esterilidade, não como fecundidade. Esta é uma aragem que não faz bem, é precisamente o que impede aquela relação evangélica e espiritual fecunda com o Bispo e com o presbitério. Os mexericos são o inimigo mais forte da diocesanidade, ou seja, da espiritualidade. Mas, tu és um homem, por conseguinte se tens algo contra o Bispo vai ter com ele e esclarece. Mas depois haverá consequências negativas. Carregarás a cruz, mas sê homem! Se és um homem maduro e vês algo no teu irmão sacerdote que não te agrada ou que consideras errado, diz-lho directamente, ou então se vires que ele não tolera ser corrigido, vai dizê-lo ao Bispo ou ao amigo mais íntimo daquele sacerdote, para que possa ajudá-lo a corrigir-se. Mas não o digas aos outros: porque isto significa sujar-se um ao outro. E o diabo fica feliz com aquele «banquete», porque assim ataca precisamente o centro da espiritualidade do clero diocesano. Na minha opinião os mexericos são muito danosos. E não são uma novidade pós-conciliar... Já São Paulo teve que as enfrentar, recordai-vos da frase: «Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo...». Os mexericos são uma realidade presente já no início da Igreja, porque o demónio não quer que a Igreja seja uma mãe fecunda, unida, jubilosa. Mas qual é o sinal de que estas duas relações, entre sacerdote e Bispo e entre sacerdote e os outros sacerdotes, correm bem? É a alegria.

Assim como a amargura é o sinal de que não há uma verdadeira espiritualidade diocesana, porque falta uma boa relação com o Bispo ou com o presbitério, a alegria é sinal de que as coisas correm bem. Podemos discutir, podemos zangar-nos, mas há a alegria que está acima de tudo, e é importante que ela permaneça sempre nestas duas relações que são essenciais para a espiritualidade do sacerdote diocesano.

Gostaria de voltar sobre outro sinal, o sinal da amargura. Um dia um sacerdote disse-me, em Roma: «Mas, eu vejo que muitas vezes nós somos uma Igreja de zangados, sempre zangados um contra o outro; temos sempre motivos para nos zangarmos». Isto leva à tristeza e à amargura: não há a alegria. Quando encontramos numa Diocese um sacerdote que vive assim, zangado e com esta tensão, pensamos: mas este homem de manhã toma vinagre ao pequeno-almoço. Depois, ao almoço, as verduras temperadas com vinagre e ao jantar um sumo de limão. A sua vida não pode continuar assim, porque é a imagem de uma Igreja de zangados. Ao contrário a alegria é o sinal de que tudo corre bem. Uma pessoa pode zangar-se: é até sadio zangar-se uma vez. Mas não pertence ao senhor o estar zangado e leva à tristeza e à desunião. E no final, o senhor disse «a fidelidade a Deus e ao homem». É o mesmo que dissemos há pouco. É a dupla fidelidade e a dupla transcendência: ser fiéis a Deus significa procurá-lo, abrir-se a Ele na oração, recordando que Ele é fiel, Ele não pode renegar-se a si mesmo, é sempre fiel. E depois abrir-se ao homem; é aquela empatia, aquele respeito, aquele senti-lo, e dizer a palavra justa com paciência.

Temos que terminar por amor aos fiéis que esperam... Mas agradeço-vos, deveras, e peço-vos que rezeis por mim, porque também eu tenho as dificuldades de cada Bispo e devo retomar todos os dias o caminho da conversão. Rezar uns pelos outros far-nos-á bem para ir em frente. Obrigado pela paciência.